

A EXPERIÊNCIA DO RECIFE
NO EMPODERAMENTO
DE MENINAS



Empodera

Hoje
menina
amanhã
mulher

unicef 

para cada criança



APRESENTAÇÃO

Meninas adolescentes e jovens mulheres enfrentam graves desafios no Brasil, especialmente relacionados ao casamento precoce, gravidez não intencional e violência. Adolescentes grávidas são particularmente vulneráveis a riscos sociais e de saúde. Entre os óbitos maternos no país, 13% ocorreram com mulheres com até 20 anos (MS, 2018).

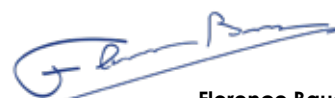
Além do risco à saúde, em ambientes carentes de uma rede de apoio, ter um filho e ser adolescente torna ainda mais difícil a continuidade da vida escolar, fechando uma importante (e muitas vezes a única) porta de acesso a um futuro com oportunidades profissional e independência financeira.

No Recife, em 2017, no ano em que o projeto começou, 16% das mães de nascidos vivos tinham entre 10 e 19 anos. Em 2018, esse percentual baixou para 13%, o que ainda representava 2.960 meninas que viraram mães. Em alguns bairros, essa taxa podia chegar a mais de 30% (Sesau, Recife). Foi nesse cenário em que nasceu o **Empodera - Hoje Menina, Amanhã Mulher**, buscando contribuir com a conquista da equidade de direitos e justiça social.

Ao discutir temas como respeito às diferenças, masculinidades tóxicas, violência contra mulher, participação social e cidadania, entre outras temáticas, o projeto fortaleceu o lugar de fala das participantes. Em seus dois ciclos (2017-2018 e 2019-2020), a iniciativa atuou diretamente com 200 adolescentes e demonstrou resultados efetivos na autoestima, percepções e objetivos de vida das meninas e dos meninos.

A gestão municipal também adotou um olhar especial para as meninas menores de 18 anos, incluindo ações direcionadas para essa faixa etária na implementação de políticas públicas. Esperamos que essa sistematização da experiência no Recife possa inspirar e contribuir com a multiplicação de iniciativas semelhantes em outros locais, alcançando cada vez mais adolescentes, suas famílias e tomadores de decisões.

Boa leitura!



Florence Bauer
Representante do UNICEF no Brasil

EXPEDIENTE

Realização

Fundo das Nações Unidas para Infância (UNICEF)

Florence Bauer

Representante do UNICEF no Brasil

Paola Babos

Representante adjunta

Dennis Larsen

Chefe para o território do Semiárido

Mario Volpi

Chefe de Desenvolvimento e Participação de Adolescentes

Luiza Leitão

Oficial de Desenvolvimento e Participação de Adolescentes

Núcleo editorial

Bruno Viecili
Gabriela Mora
Júlia Kacowicz
Luiza Leitão

Projeto gráfico e diagramação

Via Design

Foto de Capa

UNICEF/BRZ/ Alcione Ferreira

Fotos

UNICEF/BRZ/ Alcione Ferreira
UNICEF/BRZ/ Andrea Rego Barros
UNICEF/BRZ/ Danielle Pereira
UNICEF/BRZ/ Pedro França

Agradecimentos

Desenvolvido pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) em parceria com a Prefeitura do Recife, por meio da Secretaria da Mulher do Recife, parceria técnica do Centro de Mulheres do Cabo (CMC), e do Centro Internacional de Cooperação para o Desenvolvimento (Cintercoop), o projeto contou com o importante apoio da Embaixada dos Estados Unidos no Brasil, do Consulado Geral dos Estados Unidos no Recife e da Wurth. O comprometimento e envolvimento direto de cada uma das parcerias foi essencial para os resultados significativos da iniciativa.

CENÁRIO



1 em cada 3 mulheres, em todo o mundo, sofreu violência física e/ou sexual por parte do parceiro ou de terceiros durante a vida (OMS/2017)



A prevalência de casamentos na infância e adolescência foi de **19,7%** para meninas abaixo de 18 anos no Brasil (PNAD/2015)



Mais de **75%** das meninas de 10 a 17 anos que têm filhos não frequentam a escola (PNAD /2015)



No Recife, cerca de **13%** dos bebês nascidos vivos são de mães de 10 a 19 anos. Em alguns bairros, essa taxa pode ser superior a 30% (Sesau /2018)

94,1% das crianças e adolescentes envolvidos em trabalho infantil doméstico são meninas (PNAD /2015)



Nas primeiras oficinas do Hoje Menina, Amanhã Mulher, as meninas chegavam tímidas e discretas. Diziam-se envergonhadas de suas cores, origens e territórios onde moravam. Eram um retrato da banalidade de questões tão próximas a elas, como a prática do racismo, o assédio e o alto número de adolescentes grávidas. De tão habituais, perderam ou nunca chegaram a ter importância. Um cenário frequente em todo segundo os dados da Organização Mundial de Saúde.

Com o desenvolvimento do projeto, o olhar dessas adolescentes mudou. Mudou também a ação! Elas deixaram de calar. Nívia, Carminha, Mel, Mariana, Olga, Cristina, Roberta e tantas outras participantes do **Empodera: Hoje Menina, Amanhã Mulher** passaram a semear a importância do conhecimento e do direito de fala na busca da efetivação do direito à equidade de gênero. Ao longo do processo, elas relataram e demonstraram que estavam mais fortes, empoderadas, orgulhosas de suas histórias. Importantes passos em direção à busca pela autonomia.

Inicialmente, o projeto foi implantado em Salvador (BA), seguindo para Belém (PA) e Recife (PE) e posteriormente para Manaus (AM) e São Paulo (SP). A iniciativa faz parte do programa Plataforma dos Centros Urbanos do UNICEF, que trabalha com governos, ONGs e líderes comunitários para garantir os direitos de crianças em 10 capitais (Manaus, Belém, São Luís, Fortaleza, Recife, Maceió, Salvador, Vitória, Rio de Janeiro e São Paulo).

A atuação foca em direitos da primeira infância; enfrentamento da exclusão escolar; promoção de direitos sexuais e direitos reprodutivos de adolescentes e prevenção de homicídios de adolescentes. O projeto também contribui com o compromisso assumido pelo Brasil de, até 2030, cumprir a Meta de Desenvolvimento Sustentável (ODS) 5 - Alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas.



O OLHAR DAS PARCEIRAS

Glauce Medeiros

Secretária da Mulher do Recife

Desde que foi lançado, em 2017, o projeto **Hoje menina, amanhã mulher** – denominado na 2ª edição de **Empodera: Hoje menina, amanhã mulher** – já beneficiou diretamente 170 meninas e 30 meninos, entre 12 e 18 anos de idade, moradores de comunidades vulneráveis do Recife. O programa promoveu pertencimento e formou cidadãs e cidadãos capazes de transformar uma sociedade diversificada e multicultural, que deve prezar pelo respeito às diferenças.

Ao longo do projeto, os adolescentes aprenderam sobre empoderamento feminino, busca pela igualdade de gênero, direito à cidadania, tolerância religiosa e fortalecimento de suas identidades, compreendendo seu lugar de fala. Na segunda etapa, pensaram políticas públicas voltadas para seu meio e desenvolveram habilidades para articulação em rede, recebendo orientações sobre o direito à comunicação e a uma internet segura. Essas atividades familiarizaram os jovens com o exercício do controle social, indispensável para garantir que os recursos públicos sejam usados de forma transparente e atendam às necessidades da população.

À medida que os conteúdos foram evoluindo, as meninas e meninos mostraram que poderiam atuar como agentes multiplicadores em suas comunidades para estimular a participação política e organização em defesa dos direitos individuais e coletivos. Na segunda edição, três meninas que integraram a primeira turma passaram a atuar como monitoras, ao lado das facilitadoras.

Saindo da sala de formação para as ruas, as meninas participaram de eventos como as manifestações pelo Dia Internacional da Mulher, importante para fazê-las compreender a importância do seu papel transformador da sociedade; se envolveram em atividades ambientais para entender o valor da preservação dos recursos naturais e tiveram encontros com gestores públicos.

O programa foi fundamental para trabalhar a cidadania e formação desses jovens como sujeitos de direitos. Já a parceria com outros órgãos e entidades evidenciou a importância de ações conjuntas para a formação de cidadãos e cidadãs que respeitem as diferenças e entendam que a participação política é imprescindível para a construção de um mundo mais justo e equânime.



Cássia Souza

Coordenadora do Centro das Mulheres do Cabo e responsável pelo projeto pedagógico do Empodera

A oportunidade de participar da coordenação pedagógica do projeto **Empodera: Hoje menina, Amanhã mulher** foi uma experiência muito rica. Vivenciar o processo de empoderamento de meninas e meninos, no qual elas e eles puderam construir e desconstruir conceitos, ampliar suas visões de mundo e de suas realidades, além da troca de experiências e aprendizados, foi muito marcante.

Um dos momentos mais importantes foi quando um menino falou que o mundo lá fora quebrava ele todos os dias, mas as educadoras do Empodera, nas oficinas, juntavam os pedacinhos de seu coração e lhe davam motivos para continuar.

Percebi também uma diferença significativa nesta segunda etapa. Tivemos maior empoderamento na fala e ampliação das vozes. As meninas tinham, ao final, um posicionamento político de seu lugar no mundo. Inserimos uma construção de cuidado, da autoestima, da autoproteção. O empoderamento se deu na superação das violências, no poder da fala como processo de cura e de alcance da autonomia.

A busca pelo direito através da denúncia, do reconhecimento de que esse direito foi violado, da autoafirmação de cada participante como sujeito de direito com voz e vez e de saber que é possível, sim, denunciar e dar um basta na violência.

Foi impactante observar como tantas ainda não tinham percebido o quanto foram violentadas. Este espaço do Empodera só fortaleceu minha vontade de continuar com o trabalho em defesa dos direitos das crianças e adolescentes, em especial, do direito das meninas. Afinal, uma vida sem violência é um direito de todas e todos.



A EXPERIÊNCIA NO RECIFE

O **Empodera: Hoje Menina, Amanhã Mulher** tinha a meta de atuar diretamente com 90 adolescentes em cada etapa. O público-alvo e as localidades foram selecionados com base em três fatores: (1) análise de índices socioeconômicos, (2) taxa de nascidos vivos de mães entre 10 e 19 anos e (3) estrutura de apoio necessária, a exemplo da disponibilidade de salas de aula, auditórios para as oficinas de formação e equipes técnicas da parceira governamental.

As meninas e os meninos, esses incluídos a partir do segundo ciclo, deveriam ter idades entre 12 e 17 anos e estar inseridos em contextos de vulnerabilidade, vivendo em comunidades marcadas pelas desigualdades socioeconômicas e/ou identificando-se como negros e negras, LGBT ou pessoas com deficiência.

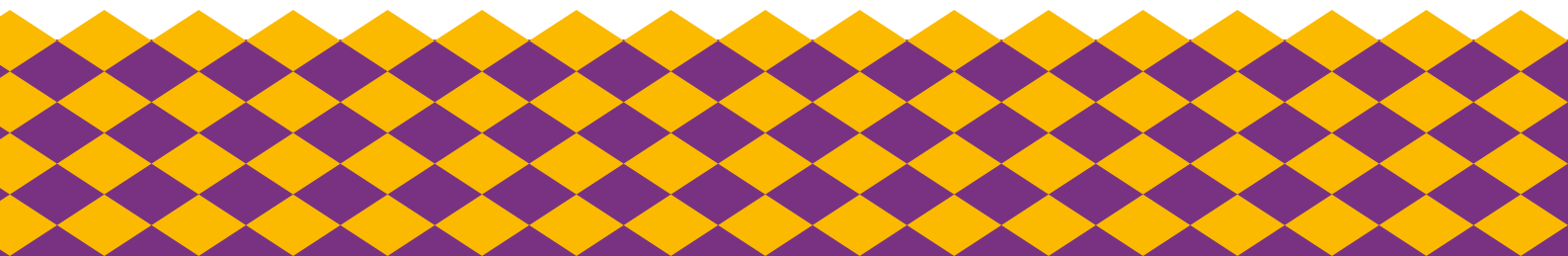
As formações aconteceram em três espaços geridos pela Prefeitura do Recife, o Centro Comunitário da Paz (Compaz) Ariano Suassuna, o Compaz Eduardo Campos e o Centro da Mulher Julia Santiago, nos bairros do Cordeiro, Alto Santa Terezinha e Brasília Teimosa, respectivamente. Cada local recebeu uma média de 25 oficinas, a cada ciclo, que aconteciam uma vez por semana no horário do contraturno escolar do grupo.

A proposta foi inspirada em iniciativas que vinham sendo implementadas por organizações da sociedade civil, em parceria com o UNICEF, com foco na formação de adolescentes em competências para a vida. As lições aprendidas com a implementação de projetos de empoderamento de meninas em outros estados foram adaptadas, levando ao aprimoramento da metodologia no Recife, com destaque para a inclusão de meninos no projeto.

Um dos destaques do projeto foi a aplicação de uma metodologia com foco no empoderamento de meninas a partir de uma perspectiva integral, levando para as formações - junto às temáticas de gênero e raça - abordagens relacionadas à saúde, violência de gênero, autoestima, habilidades para a vida, direito à comunicação, importância do lugar de fala, o empoderamento econômico e segurança na internet, entre outras.

NÃO
É NÃO!





PLANEJANDO E APRIMORANDO

O caráter de construção coletiva da fase de planejamento do segundo ciclo foi um importante diferencial, buscando envolver as adolescentes atuais e potenciais parceiras e profissionais da área. O processo foi constituído a partir de rodas de diálogos com as adolescentes e duas oficinas com instituições parceiras que abordaram, além da avaliação do primeiro ciclo, as lições aprendidas, o reforço de estratégias e as inovações necessárias, como a inclusão dos meninos nas formações e a demanda por uma identidade visual própria para o projeto.

MOBILIZAÇÃO

O envolvimento da equipe da Secretaria da Mulher do Recife foi um grande diferencial para a execução do projeto, que permitiu garantir o transporte para os grupos e o apoio técnico nas próprias oficinas, assim como a contribuição na mobilização de adolescentes e articulação com as escolas: Escola Trajano Chacon, Escola Antonio Heráclio, Escola EREM João Bezerra, Erem João Bezerra e Escola do Porto digital, a quem agradecemos pela parceria e comprometimento. Outro fator fundamental foi o engajamento das equipes escolares. Garantir esse apoio foi uma lição aprendida em relação ao primeiro ciclo como forma de evitar a evasão ao longo do processo. Após a definição das comunidades que receberiam o projeto, foram realizadas visitas para apresentação da proposta e inscrição voluntária de estudantes.

No segundo ciclo, o número de adolescentes inscritos superou a previsão inicial, com 79 meninas e 31 meninos inscritos, alcançando 110 participantes.

Além das visitas, os gestores das escolas públicas selecionadas participaram desde a primeira reunião de planejamento das ações até o seminário de avaliação. A medida fortaleceu a iniciativa na comunidade e favoreceu a presença contínua do grupo de adolescentes. Algumas escolas instituíram, inclusive, as oficinas de formação como aulas extra-curriculares. A Embaixada dos Estados Unidos e o Consulado Geral no Recife também possibilitaram oportunidade de intercâmbio com outras instituições, ampliando as parcerias e a vivência das meninas e dos meninos.





INCIDÊNCIA POLÍTICA

Buscando alcançar resultados sustentáveis e multiplicar a oportunidade para outras meninas, o projeto teve como objetivo prioritário o fortalecimento e a promoção de políticas públicas que respondam às desigualdades de gênero no Recife e que possam ser replicadas para outras cidades do Brasil. Um resultado dessa estratégia foi a Revisão do Plano Municipal de Enfrentamento à Violência contra as Mulheres com a incorporação de ações em prol da faixa etária até 18 anos, considerando o encaminhamento de demandas e proposições das adolescentes do Empodera. A contribuição das meninas também resultou na inclusão de ações voltadas para adolescentes com menos de 18 anos no programa "Viver sem Violência: prevenção e enfrentamento da violência doméstica, familiar e sexista contra a mulher" (Decreto nº 32.487 de 22 de maio de 2019). O Empodera também foi integrado ao monitoramento oficial da Prefeitura do Recife, ocasião em que algumas iniciativas prioritárias para a gestão municipal são avaliadas nas reuniões de secretariado.

Outra medida foi a participação de profissionais de serviços públicos das áreas de saúde, educação e assistência social em seminários, oficinas de formação e reuniões de planejamento, ampliando a inclusão e o alcance da temática na gestão municipal. A participação das adolescentes em reuniões e oficinas estratégicas sobre gênero, raça, direitos sexuais e direitos reprodutivos, além de temáticas da primeira infância e educação, também foi uma conquista do projeto. Dentro da agenda da Plataforma dos Centros Urbanos (PCU) no Recife, as meninas apresentaram propostas para o direcionamento de políticas públicas de gênero, direitos sexuais e direitos reprodutivos.



DIFERENCIAIS

> Criando identidade visual e mais conexão

Identificada no processo de avaliação, a demanda por uma identidade visual foi atendida para o lançamento do segundo ciclo. Em uma votação entre adolescentes e representantes das parcerias, o projeto ganhou a inclusão do termo Empodera.



Empodera
Hoje menina, amanhã mulher



> Lançamento do Empodera

Como estratégia de visibilidade e engajamento do público-alvo, a segunda etapa do projeto foi lançada na sede da Prefeitura do Recife. O evento contou com a presença de representantes da gestão municipal, como vice-prefeito, representantes das secretarias municipais e do corpo docente das escolas participantes, parcerias estratégicas, adolescentes, formadores de opinião e imprensa.

> Abordagens definidas por faixa etária

Para possibilitar o desenvolvimento de temas de forma mais apropriada a cada ciclo de vida, no segundo ciclo, os grupos foram organizados com adolescentes de duas faixas etárias, 12 a 14 e de 15 a 17 anos. Um centro de formação ficou com a turma mais nova e os outros dois com grupos mais velhos.

> Educação entre pares

A inclusão de participantes do primeiro ciclo como monitoras remuneradas em turmas no ciclo seguinte reforçou o potencial da educação entre pares e o empoderamento das meninas, que puderam ainda fortalecer o currículo, incluindo a experiência de suporte e monitoria nas oficinas.

> Fomentando a rede de meninas e as habilidades para a vida

A participação das meninas em eventos de incidência política e agendas oficiais do governo municipal e da sociedade civil tornou-se uma estratégia para capacitar as redes de meninas. Um dos fóruns ocupados foi a Rede de Enfrentamento à Violência Sexual Contra Crianças e Adolescentes em Pernambuco.

> Eles por elas

Depois de realizar as formações com o primeiro grupo de meninas, o projeto incluiu os meninos. Com o mote "**Eles por elas**", os adolescentes interessados puderam participar das oficinas que tiveram a incorporação de temas relacionados a novas masculinidades e masculinidade tóxica. A experiência foi um sucesso, ampliando as discussões, sensibilizando meninos e fortalecendo o discurso pela equidade de gênero.



Os temas discutidos

- > Respeito às diferenças
- > Gênero e raça
- > Violência contra a mulher
- > Masculinidades tóxicas
- > Direitos sexuais e direitos reprodutivos
- > Lugar de fala
- > Participação social e cidadania
- > Incidência nas redes sociais
- > Identidade racial e auto-reconhecimento
- > Abusos e exploração sexual contra criança e adolescentes



Sempre alerta! O exemplo da rede de proteção

Sensíveis e, inclusive, realidade para muitas meninas e meninos participantes do projeto, os temas abordados nas oficinas podem trazer à tona reflexões e até mesmo a compreensão sobre ser ou ter sido, vítima de alguma agressão ou abuso. Ao longo do projeto, as profissionais envolvidas identificaram incômodos entre as meninas participantes à medida que os assuntos foram surgindo e acionaram a rede de proteção para atendê-las.

"Em um dos casos, a facilitadora identificou que uma das adolescentes ficou bastante desconfortável com algumas referências ao abuso sexual em uma das atividades. A estratégia foi alterar a agenda das oficinas previstas para abordar o tema com todo o cuidado necessário, mostrando os caminhos possíveis para prevenção e encaminhamento dos casos. A menina procurou a equipe logo após a oficina e pediu para conversar sobre o abuso que tinha sofrido. Ela recebeu atendimento psicossocial, de acordo com o fluxo de proteção seguido nesses casos.



"Por mim, andava a cidade toda para fazer todos ouvirem e terem chance de fala. No começo, fiquei muito desconfortável, só fiquei brincando. Achei que era coisa só de menina e quase não fui no segundo dia das oficinas. Mas fiquei curioso e os temas de bullying e racismo me interessaram. Não perdi mais nenhuma oficina e, hoje, aproveito todas as chances para tentar mudar a cabeça de outros".

Danilo Santos, 16



“A gente até pode falar sobre machismo ou feminismo como amiga, irmã ou namorada. Mas eles acham que é algo da nossa cabeça. Quando veem o assunto sendo discutido de outra forma, eles entendem melhor e podem mudar”.

Letícia Farias, 17



A multiplicação

No segundo ciclo do projeto, as meninas e os meninos participantes realizaram ações em escolas, centros comunitários e ruas movimentadas do Recife. A proposta dessa ação foi replicar o conceito do projeto: garantir poder, autonomia e informação a partir da reflexão, troca de experiências e transformação. Faixas, cartazes e bandeiras coloriram os ambientes. Mas a voz, de fato, empoderada de meninas e meninos foi o que tomou conta dos espaços.

Os relatos emocionaram e deixaram a certeza de que os olhares e as ações tinham sido transformados. Cada grupo escolheu sua forma de realizar a incidência, concluindo a fase de oficinas e levando o conhecimento adquirido para a rua. Um dos grupos realizou a atividade durante a manhã de jogos internos, outro produziu uma feira de conhecimento e outro fez até manifestação em uma das avenidas mais movimentadas da capital pernambucana, vizinha à escola, interagindo com motoristas e pedestres.



“Muitas vezes são os meninos que cometem o abuso, a violência. Então, trazer eles para o nosso lado é muito importante. Todo o processo me ajudou bastante. Sempre sofri muito bullying, mas hoje me aceito melhor”.

Cristina Silva, 16

PRINCIPAIS MARCOS

- ◆ **200** adolescentes, sendo **170** meninas e **30** meninos, com formação em autoconhecimento e habilidades para vida por meio de mais de **50** oficinas.
- ◆ **Seis oficinas** para discussão de demandas e propostas para incidência em políticas públicas, envolvendo cerca de **80** meninas.
- ◆ Participação ativa de adolescentes em reuniões estratégicas municipais para contribuição em discussões de políticas públicas e busca por respostas para a desigualdade de gênero, a exemplo dos diálogos intersetoriais temáticos da Plataforma dos Centros Urbanos (PCU).
- ◆ Revisão do Plano Municipal de Enfrentamento à Violência contra as Mulheres para incorporação de ações em prol da faixa etária até **18 anos**, considerando o encaminhamento de demandas e proposições das adolescentes do projeto.
- ◆ Inclusão de ações direcionadas para meninas menores de **18 anos** no programa *Viver sem Violência: prevenção e enfrentamento da violência doméstica, familiar e sexista contra a mulher*.
- ◆ Realização de eventos de sensibilização e formação relacionados à equidade de gênero com mais de **70 agentes** públicos e profissionais da Educação, Saúde, Assistência Social e Políticas para Mulher.
- ◆ Participantes do Empodera passaram a ocupar espaços de discussão de políticas públicas como a Rede de Combate ao Abuso Sexual e Exploração de Crianças e Adolescentes de Pernambuco.

- ◆ Participante do projeto tornou-se integrante do Conselho Jovem do UNICEF que reúne **24** adolescentes e também monitora no projeto de empoderamento de meninas em Belém e Manaus.
- ◆ Rodas de escuta, de outras iniciativas do UNICEF, envolveram adolescentes do Empodera na construção de ferramentas de suporte e educação entre pares com foco em autoestima, autoconhecimento e direitos sexuais e direitos reprodutivos.
- ◆ Líderes juvenis formadas pelo projeto representaram a região Nordeste e o Brasil em eventos nacionais e internacionais, a exemplo da Cúpula das Cidades Amigas da Criança em Colônia, Alemanha, e da Conferência Regional da Mulher para a América Latina e o Caribe, no Chile.
- ◆ Em tempos de pandemia de Covid-19, adolescentes monitoras do projeto tiveram formação para apresentar programa de rádio online no Facebook denominado Empodera em Casa. Foram realizadas **seis lives** com temáticas relacionadas à iniciativa, resultando em uma média de **300 visualizações** /cada.
- ◆ O projeto marcou presença em eventos de incidência pública organizados pelas meninas e meninos nas comunidades e por movimentos sociais, como o Dia Nacional de Enfrentamento ao Abuso e Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes e o 8 de março - Dia Internacional da Mulher.





A TRANSFORMAÇÃO

Ampliando caminhos

O nome dela é **Maria do Carmo Alcântara Silvestre**, moradora de Brasília Teimosa, uma das comunidades mais vulneráveis do Recife. Ela participou ativamente do primeiro ciclo do **Hoje Menina, Amanhã Mulher** e, no segundo ciclo, atuou como monitora nas oficinas do projeto. No mesmo período, ela iniciou seus estudos de graduação em Serviço Social na Universidade Federal de Pernambuco.

Refletir e combater a discriminação, a desigualdade de gênero e o machismo são algumas das lições que Carminha aprendeu ao longo do projeto. *"Quando não entendemos, pensamos que é comum. Mas quando você aprende, quando se capacita, reconhece o que é sexismo, o que é racismo e o preconceito contra mulheres e pessoas negras. Assim, você se torna mais forte para ir além do que as pessoas esperam que você vá"*, diz.

Ao término do primeiro ciclo do projeto e enquanto não tinha a confirmação da continuidade, ela já estava buscando capacitar seus pares. Carminha registrou 30 meninas de seu bairro e encaminhou uma solicitação para a Secretaria da Mulher do Recife a fim de obter um espaço para replicar as oficinas sobre prevenção da violência contra a mulher, enfrentamento ao racismo, saúde sexual, saúde reprodutiva, entre outras. Ela lembra, no entanto, que nem sempre teve essa iniciativa e disposição.

Carminha conta que a violência doméstica era uma realidade na comunidade e, às vezes, dentro de casa. *"Crescemos estressados, nervosos, sem poder reconhecer isso como violência contra as mulheres. Quando eles se divorciaram, o impacto não foi muito significativo, pois ele nunca foi um pai presente, nem mesmo financeiramente. Contávamos apenas com nossos tios"*, disse.



Ela encontrou refúgio nos livros e surgiu um tipo diferente de discriminação. *“Eu me destacava na aula e isso não foi apreciado pelos colegas da escola. Eles disseram que eu era esquisita, tiravam sarro do meu cabelo. Eles costumavam me chamar de nerd, diziam que meu cabelo era ruim e zombavam da minha testa. Por isso, comecei a alisar meus cabelos e tentei seguir os padrões impostos pela sociedade. Pensei que nunca me encaixaria”*, lembra.

Na mesma escola pública de período integral, aos 15 anos, a aluna Maria do Carmo foi apresentada ao projeto como uma atividade extracurricular. Em 2018, por meio da iniciativa, ela representou o estado de Pernambuco no II Congresso Brasileiro de Enfrentamento à Violência Sexual contra Crianças e Adolescentes e também no Encontro Nacional de Direitos Sexuais e Direitos Reprodutivos de Adolescentes e Jovens, ambos em Brasília. Em janeiro de 2020, ela também foi escolhida para participar da Consulta Regional de Juventude para Pequim+25, realizada em Santiago, no Chile.

“O projeto foi libertador. Fiz algum tipo de desconstrução de tudo que aprendi, pude ver o quão forte eu era e me aceitei. Passei a cuidar do meu cabelo naturalmente e parei de usar produtos químicos nele. Comecei a repreender o comportamento machista e até conversar com minha mãe sobre quebrar esse ciclo de apenas casar e ter filhos”, diz ela. Carminha também explica que era tímida e acreditava que não fazia sentido falar porque ninguém iria ouvir. *“Eu desenvolvi minhas habilidades de falar em público e estudar me ajudou. Quanto mais conhecimento adquirimos, mais queremos”*, afirma a primeira mulher da família que terminou o ensino médio e está começando a faculdade.



"Nós somos a mudança"

A conversa com **Nívia Maria de Lima**, 18 anos, vem acompanhada de muita risada solta e espontânea. Porém, quando o assunto é a militância, a fala ganha força e segurança: "Sou mulher negra e feminista e estou aqui na luta pelos direitos das mulheres". Nívia discursa com muita intensidade, paixão e idealismo, mas nem sempre foi assim.

Ela só se reconheceu como mulher negra e titular de direitos quando entrou em contato com questões de gênero e raça a partir das atividades do projeto **Hoje Menina, Amanhã Mulher**. A iniciativa permitiu a Nívia debater questões de direitos, sexualidade, identidade, gênero e diversidade em várias oficinas. Com a formação, ela percebeu que não deveria "se enquadrar no modelo imposto pela sociedade" e se transformou numa adolescente questionadora e disposta a mudar o mundo, especialmente a realidade que a cerca.

No bairro onde mora na periferia do Recife, as coisas não são fáceis. Ali, a menina via de forma natural questões como uso de drogas, violência sexual e gravidez na adolescência afetando seus pares. Ao vivenciar o racismo na escola ou o assédio quando caminhava pelas ruas do bairro, Nívia se calava. A partir do conhecimento que adquiriu no projeto, ela conta que mudou seu olhar para essa realidade e percebeu a importância da informação para prevenir e reduzir os problemas tão presentes em sua comunidade.

"Você vê menina de 13, 14 anos grávida que para de estudar porque agora tem que ser mãe. Se essas meninas tivessem acesso a oficinas, debates e informação, será que a situação não seria outra? Então, temos que falar e orientar". Para ela, a educação é uma importante ferramenta de mudança social e é fundamental que as crianças e os adolescentes mais vulneráveis tenham oportunidade de aprender.

"É muito difícil a discussão sobre sexualidade, gênero e diversidade chegar às comunidades. Geralmente, esses debates têm seu espaço e a gente precisa se deslocar para acessar, mas aí é que está o diferencial: que é levar o projeto para dentro de uma comunidade, se prontificar a oferecer essas oportunidades às meninas e aos meninos de comunidade e mostrar que elas e eles são a mudança".

Hoje, Nívia sonha com um Brasil melhor, sem violência contra a mulher, com igualdade entre os gêneros e respeito às diversidades. Para tornar isso possível, ela planeja repassar o que aprendeu para outras meninas, fortalecendo o seu processo de empoderamento e garantindo que a mulher tenha voz ativa e lute por seus direitos. Ela pretende agir na esperança de que a vida dessas meninas periféricas seja modificada da forma como a sua foi. "Quando eu estiver ali na frente, eu vou passar o meu conhecimento para outras meninas. A gente precisa de meninas que vão à luta porque nós somos a mudança", defende.





“Sairemos pessoas melhores”

A quinta-feira era o dia da semana mais esperado por **Denilson Alves Dantas**, 17 anos. *“Fico muito ansioso. É o dia do Empodera”*, justificava. Adolescente do bairro de Brasília Teimosa, zona Sul do Recife, ele participou do grupo de meninas e meninos de 15 a 17 anos que se reunia no Centro Metropolitano da Mulher Júlia Santiago para as formações do segundo ciclo do projeto **Empodera – Hoje Menina, Amanhã Mulher**.

Participar das oficinas, explica Denilson, era uma forma de aprender, de falar o que pensa e ouvir as respostas de uma forma diferente. *“As pessoas ficam mais à vontade no projeto. É muito diferente de como nos sentimos na escola”*, pontuou, reforçando a importância de poder abordar temas que inquietam e preocupam os adolescentes. Ele entrou no projeto motivado por sua melhor amiga desde os 5 anos, Mariana, que pontuou que seria muito bom para ele ampliar as formas de ver o mundo.

“Minha amiga é muito feminista e sempre disse que todo mundo lá em casa era machista. Mas eu ficava na dúvida, se era mesmo ou se ela estava exagerando. Foi bom ver o que pessoas de fora falavam sobre o tema”, disse. Ao acompanhar as discussões de gênero nas oficinas do projeto, Denilson contou que algumas rotinas domésticas começaram a chamar sua atenção, especialmente a forma como o pai falava com sua mãe. *“Eu suspeitava que aquilo não fosse legal, pois não gostava de como a minha mãe ficava. Mas já era algo tão natural, que eu não sabia se era mesmo errado”*, lembra.

A primeira vez que Denilson abordou o assunto com a mãe, ela ficou surpresa e não deu muita atenção. Mas ele insistiu. *“Eu expliquei que tinha aprendido nas oficinas e que meu pai não deveria falar assim com ela. Aos poucos, ela vem começando a se posicionar e ficou com muita vontade de participar de uma oficina”*, reforçou. A mãe de Denilson engravidou aos 15 anos e ficou casada por cinco anos. Apesar de estarem separados, ela e o ex-companheiro mantêm um contato regular.

Com o que vivenciou em casa e o que aprendeu nas oficinas, Denilson afirmou que espera nunca reproduzir as práticas machistas com que estava habituado. Ele ressaltou que o projeto também o ajudou a aceitar todos do jeito que são, independentemente de cor, gênero ou orientação sexual. *“Acho que sairemos pessoas melhores. Foi importante envolver meninos, pois o machismo é mais forte do nosso lado. Inclusive para aceitar a homossexualidade”*, disse, acrescentando que, depois das formações, alguns meninos passaram a assumir as orientações sexuais. *“Teve um amigo meu, que eu nem imaginava, e assumiu. Isso fez muito bem pra ele”*, destacou.



Fortalecendo a autoestima

Olga Hanille, 17 anos, chegou a frequentar algumas oficinas do “**Empodera – Hoje Menina, Amanhã Mulher**” no primeiro ciclo. Mas não conseguiu seguir naquele momento, mesmo já identificando que o projeto poderia ajuda-la, pois estava enfrentando sérios problemas pessoais. Quando as vagas para o segundo ciclo foram reabertas, foi a chance dela. Ela relata que as discussões em grupo a fizeram perceber que muito do que ela sofria era provocado por atitudes de outras pessoas, mas que ela poderia agir para melhorar o seu bem-estar.

“Sempre fui mais gordinha e sentia muita pressão. Tive depressão e cheguei a tentar suicídio. Hoje estou bem. Me sinto mais forte, mais preparada para lidar com tudo isso”, diz. Além do apoio familiar, ela conta que o projeto contribuiu com seu amadurecimento e autoestima. O impacto com o projeto veio logo na primeira oficina, que trabalhou o tema do bullying.

“Entendi que quem ofende e julga é que deveria ter vergonha. Posso dançar, fazer o que quiser. Não sou melhor nem pior do que os outros. Mas sou eu mesma e não devemos julgar ninguém”, diz. Ela conta que cresceu em um ambiente machista, onde os primos podiam fazer tudo, e ela nada, por ser menina. Hoje, já argumenta com o pai que isso não faz sentido e que ela não se sente bem com essa distinção. Com as oficinas e conversas com as amigas, ela brinca que a autoestima está em 95%.

Como exemplo de seu bem-estar, ela cita que virou blogueira. Faz vídeos e lives no Instagram sobre maquiagem, direitos sexuais e os temas que achar necessário. *“Alguns pais não gostam, meu pai acha que estou me expondo. Mas acho que posso ajudar outras pessoas”,* disse. Com a autoestima fortalecida, Olga já vem desempenhando o papel de cerimonialista em eventos da escola e feiras de conhecimento. *“Me preparo para arrasar, e espero seguir assim”.* Para um futuro próximo, ela gostaria de desenvolver cursos para as mulheres da comunidade entrarem no mercado de trabalho.



AMOSTRA DE VISIBILIDADE



HOME > CIDADES > GERAL

EMPODERAMENTO

Notícia

Projeto de empoderamento de meninas tem primeira turma de meninos

Iniciativa beneficiará 90 adolescentes, focando no empoderamento, educação entre pares e discussão de novas masculinidades

Publicado em 06/06/2019, às 15h41

f t G+ in e



Projeto capacitou 90 meninas no primeiro ciclo.
Foto: Unicef/Divulgação

JC Online

Jornal do Commercio

<https://jconline.ne10.uol.com.br/canal/cidades/geral/noticia/2019/06/06/projeto-de-empoderamento-de-meninas-tem-primeira-turma-de-meninos-380482.php>

Jornal do Commercio

Cidades

Adolescentes discutem gênero

Cerca de 90 adolescentes do projeto Empodera-Hoje Menina, Amanhã Mulher farão intervenções hoje e sexta-feira (28). A primeira será na Erem João Bezerra, em Brasília Teimosa, Zona Sul do Recife. Meninas e meninos de 15 a 17 anos vão falar sobre questões de gênero, raça, combate ao racismo, ao abuso e à violência contra as mulheres. O projeto é do Unicef, em parceria com o Centro das Mulheres do Cabo e a Secretaria da Mulher do Recife.



DIÁRIO de TV PERNAMBUCO

NIVIA MARIA
Projeto Empodera

18:02 / 12:56

KlariDiferenciaisTV
Sobre Vidas: Nivia e o empoderamento de mulheres no Coque
292 visualizações · 18 de nov. de 2019

DIÁRIO de Pernambuco 178 mil inscritos

INSCREVA-SE

Diario de Pernambuco

19/11/19
158 mil inscritos

Nivia Maria, mulher negra de periferia e ativista pelos direitos das crianças e adolescentes, conta como o projeto Empodera modificou sua vida, sua identidade e de todos na comunidade em que ela vive.

https://www.youtube.com/watch?v=Cv6jYLjzGE&t=31s&fbclid=IwAR2uQp-MopV2wQs5hLpGjGn1KyeN0jLXlfh6Bg nR5P3IBH0_KA1jL61CQyQ



TV Globo – NE1

26/11/19

Projeto leva informações sobre igualdade de gênero a escolas do Recife - <http://g1.globo.com/pernambuco/ne1/videos/t/edicoes/v/projeto-leva-informacoes-sobre-igualdade-de-genero-a-escolas-do-recife/8117405/>

Como enriquecer ainda mais o processo

Empoderamento de Meninas: Boas Práticas

Como iniciativas brasileiras estão ajudando a garantir a igualdade de gênero
<https://www.unicef.org/brazil/relatorios/empoderamento-de-meninas-boas-praticas>

Documento de Posicionamento - UNICEF

Eliminando a Discriminação contra Crianças, Adolescentes e Pais baseada em Orientação Sexual e/ou Identidade de Gênero
<https://www.unicef.org/brazil/relatorios/documento-de-posicionamento>

Documento: Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Contra as Mulheres - Aprovada pela Assembleia Geral das Nações Unidas em 18 de dezembro de 1979.

<https://www.unicef.org/brazil/convencao-sobre-eliminacao-de-todas-formas-de-discriminacao-contras-mulheres>

Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS)

<https://nacoesunidas.org/pos2015/>
 Objetivo 5. Alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas <https://nacoesunidas.org/pos2015/ods5/>

A New Era for Girls: Taking stock on 25 years of progress (Uma nova era para as meninas: Balanço de 25 anos de progresso) – disponível somente em inglês)

Lançado no contexto da campanha Geração Igualdade e para marcar o 25º aniversário da Declaração e Plataforma de Ação de Pequim – o plano histórico para o avanço dos direitos de mulheres e meninas.
<https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/25-anos-de-progresso-desigual-apesar-dos-ganhos-em-educacao-o-mundo-ainda-um-lugar-violento-para-meninas>



Competências para vida – trilhando caminhos de cidadania

<https://www.unicef.org/brazil/relatorios/competencias-para-vida-trilhando-caminhos-de-cidadania>

Vamos falar de sexualidade

Material Educativo para promover a saúde sexual e reprodutiva na Adolescência

http://www.ee.usp.br/cartilhas/cartilha_sexualidade.pdf

Cartilha de Orientação Sobre Sexualidade e Deficiência Intelectual - Instituto Maria Gabrieli

http://feapaesp.org.br/material_download/321_Cartilha%20-%20Sexualidade.pdf

Vamos falar sobre gênero

<https://www.politize.com.br/vamos-falar-sobre-genero/>

“Junte-se a Malala e amplie sua voz”

O Fundo Malala lançou um guia para ajudar meninas a lutar em defesa da educação de garotas. A publicação é gratuita e pode ser baixada clicando neste link. (<https://action.malala.org/girl-advocate-guide-portuguese?source=brazil>) De forma bem didática e com uma linguagem simples de entender, o manual traz um passo-a-passo sobre como agir em prol da educação de meninas. O guia mostra dicas práticas sobre como identificar o problema específico da comunidade onde se vive, como reunir informações sobre ele, elaborar um plano de mobilização e também orienta sobre formas de atuar.

Trajatórias Plurais

O material apresenta o resultado de um mapeamento de experiências implementadas pelo setor público, pela sociedade civil e por universidades e organismos internacionais que atuam em diversas regiões para reduzir as taxas de gravidez na adolescência no Brasil. São práticas inspiradoras, referências importantes para cada município que tenha interesse em contribuir para que o País alcance melhores indicadores que afetam a vida das meninas e também dos meninos. As metodologias e as lições aprendidas em cada iniciativa foram registradas na publicação para facilitar a troca de informações e a ampliação de políticas públicas de saúde, educação e assistência social que resultem na redução dos índices de gravidez na adolescência. Clique aqui: <https://www.unicef.org/brazil/relatorios/trajetorias-plurais>

Dicas de leitura

- > Pequeno Manual Antirracista, de Djamila Ribeiro
- > Quem tem medo do feminismo negro?, de Djamila Ribeiro
- > Para educar crianças feministas, de Chimamanda Ngozi Adichie
- > Quarto de Despejo, Carolina Maria de Jesus
- > Heroínas negras brasileiras em 15 cordéis, de Jarid Arraes
- > Eu, empregada doméstica, de Preta Rara



Empodera

Hoje menina, amanhã mulher

Iniciativa:



Parceria Institucional/Estratégica:



Parceria Técnica:



Parceria:

